

Quero



CHRIS CLEAVE

Quero

TRADUÇÃO DE CLAUDIO CARINA



Copyright © Chris Cleave, 2012

'I'm Gonna Be (500 miles)' © (Reid/Reid) Warner/Chappell Publishing Ltd

Proibida a venda em Portugal

TÍTULO ORIGINAL

Gold

PREPARAÇÃO

Clarissa Peixoto

REVISÃO

Cristhiane Ruiz

DIAGRAMAÇÃO

Editoriarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C56o

Cleave, Chris, 1973

Ouro / Chris Cleave ; tradução Claudio Carina. – 1. ed. –
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2013.

336 p. ; 23 cm

Tradução de: Gold

ISBN 978-85-8057-356-5

1. Romance inglês. I. Carina, Claudio. II. Título.

13-00697

CDD: 823

CDU: 821.111-3

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Cecily

Terça-feira, 24 de agosto de 2004

**Vestiário, Velódromo Olímpico, Atenas
Disputa da medalha de ouro de ciclismo feminino**

Do outro lado da porta de metal sem pintura, cinco mil homens, mulheres e crianças entoavam seu nome. Zoe Castle não gostou tanto da sensação quanto esperava que fosse gostar. Ela tinha vinte e quatro anos e sentou-se onde o treinador mandou, a seu lado, num banco branco e estreito que ainda possuía o plástico azul de proteção.

— Não toque na porta — avisou o treinador. — Tem alarme.

Só havia os dois no pequeno vestiário subterrâneo. As paredes tinham sido engessadas há pouco tempo, e pequenos pedaços de gesso que caíram das espátulas dos pedreiros estavam espalhados pelo chão de cimento. Zoe chutou um, que se soltou e deslizou até bater na parede de metal.

— O que foi? — perguntou o treinador.

Zoe encolheu os ombros.

— Nada.

Nas ocasiões em que ela tinha visualizado o sucesso — quando ousou imaginar que chegaria tão longe — o chão e as paredes de todos os prédios em Atenas eram compostos de superfícies perfeitamente encaixadas, talhadas de um material olímpico que reluzia com brilho próprio. Não tinha imaginado o cheiro de cimento fresco no ar. Nem o pequeno plástico no chão com o manual do ar-condicionado que permanecia no canto da sala, pois a instalação não tinha sido concluída.

O treinador viu a expressão de Zoe e sorriu:

— *Você* está pronta. É isso que importa.

Ela tentou sorrir de volta. O sorriso saiu como um potro recém-nascido — as pernas cederam logo de cara.

Do lado de fora, o público batia os pés ritmadamente. Começaria com atraso. Buzinas soaram. A sala tremeu — o som era tão alto que os dentes de trás de Zoe rangeram. O barulho da multidão parecia derreter suas entranhas. Ela pensou em abandonar o velódromo pela porta de trás, pegar um táxi até o aeroporto e embarcar no primeiro voo de volta para casa. Chegou a se perguntar se seria a primeira atleta a fazer essa coisa simples, tão compreensível: sair de fininho das Olimpíadas. Devia haver algo que pudesse fazer de si mesma na vida civil. As revistas a amavam. Ela vestia bem as roupas. Era linda, com o cabelo preto lustroso cortado curto, grandes olhos verdes e um rosto pálido e assombrado que lembrava uma antiga santa europeia. Possuía um traço mínimo de crueldade na linha dos lábios: uma sugestão de que haveria aço na estrutura facial, o que prendia a atenção. Talvez devesse se aproveitar disso. Poderia dar entrevistas, rindo nos bastidores, depois do show, quando os jornalistas perguntassem se ela sabia que era muito parecida com aquela garota britânica que tinha fugido das Olimpíadas — qual era o nome dela mesmo? *Ah!* responderia, *sempre me perguntam isso! Aliás, que fim levou aquela garota?*

A respiração do treinador estava calma e regular.

— Bom, *você* parece bem — observou Zoe.

— Por que eu não estaria bem?

— Só mais um dia no escritório, certo?

— Correto — disse Tom. — Só estamos batendo o ponto. Quero dizer, o que você esperava? Uma medalha?

Quando ele viu o olhar dela, ergueu as mãos se desculpando.

— Desculpe-me, é uma velha piada de treinadores.

Zoe torceu a cara. Estava puta com Tom. Sua indiferença não ajudava em nada, essa simulação de que a situação não era séria. Ele normalmente era um treinador muito melhor, mas os nervos o estavam afetando justamente quando ela mais precisava de sua força. Talvez devesse mudar de treinador assim que voltasse para a Inglaterra. Pensou em avisá-lo dessa decisão naquele momento, só para apagar o sorriso pretensioso dele.

A pior parte era que tremia incontrolavelmente, apesar do calor por causa da falta de ar-condicionado. Era humilhante, mas não conseguia parar. Já estava vestida e aquecida. Forneceu uma amostra de urina e oito mililitros de sangue que deviam ser pura adrenalina. Gravou um vídeo curto e ansioso para os patrocinadores, assinou os formulários oficiais de inscrição na corrida e prendeu o número de identificação na parte de trás do traje de ciclismo. Em seguida tirou-o e prendeu-o novamente, dessa vez com o lado certo para cima. Não sobrou mais nada para ocupar esses terríveis minutos de espera.

A multidão voltou a fazer barulho, frenética.

Zoe bateu a palma das mãos no banco.

— Quero ir logo! Por que não abrem a porta?

Tom bocejou e acenou com desdém.

— É para sua segurança. Vão nos deixar subir assim que os seguranças terminarem de checar os corredores.

Zoe apoiou a cabeça nas mãos e balançou para a frente e para trás no banco. Era torturante ficar trancada naquela sala minúscula, esperando a liberação dos funcionários do velódromo. Não conseguia impedir o corpo de tremer nem conseguia tirar os olhos da porta de metal, que vibrava com o barulho da multidão. Era uma porta resistente, feita para suportar caçadores de autógrafa por quanto tempo fosse necessário, ou então fogo por trinta minutos; mas o medo parecia passar direto por ela.

— Meu Deus... — sussurrou.

— Está com medo?

— Estou me cagando, para ser honesta, Tom. Você não? — Ergueu os olhos para ele.

Tom balançou a cabeça e se inclinou para trás.

— Na minha idade não é o tamanho do evento que assusta.

— Então o que é?

Ele deu de ombros.

— Ah, você sabe. A sensação constante de que, enquanto corria atrás das minhas próprias metas e objetivos, talvez não tenha tido um espírito tão generoso quanto podia em relação às necessidades e aos sonhos das pessoas com as quais eu mais me importei, ou por quem fui emocionalmente responsável.

Ele cuspiu o chiclete que estava mascando e inspecionou as unhas. Zoe fervilhava.

Vindo das arquibancadas acima deles, uma nova erupção de entusiasmo fez o prédio estremecer. O locutor estava animando a multidão. Eles gritavam o nome de Zoe. Batiam os pés com mais força. No vestiário, a luz tênue se apagou, voltando à vida aos poucos. Um rio de poeira caiu de repente, de uma parte não finalizada do teto de gesso.

— Você acha que o prédio vai aguentar? — perguntou Tom.

Zoe explodiu.

— Cale a boca, ok? Cale a boca, cale a boca, cale a boca!

Tom sorriu.

— Ah, relaxe, é só mais uma corrida de bicicleta. É moleza.

— Não é o seu nome que cinco mil pessoas estão gritando.

Ele se aproximou e pegou no braço de Zoe.

— Sabe o que você deveria temer? O dia em que não estiverem gritando seu nome. Aí você vai ser como eu. Você vai ser a poeira acumulada nas brechas entre as tábuas da pista. O cuspe secando no chiclete grudado sob as cadeiras. O som das vassouras, depois da multidão ter dado o fora. Você preferia ser tudo isso? Hein?

Ela balançou a cabeça, mal-humorada.

Tom colocou uma das mãos em volta da orelha.

— O quê? Não consigo escutar com o barulho de todo esse amor! Você preferia ser a garota de quem ninguém se lembra?

— Não, pelo amor de Deus, não!

Ele sorriu.

— Então tudo bem. Agora levante essa bunda daí e vá lá ganhar.

Os dois olharam para a porta de metal fechada, depois para o chão, e, por fim, de volta um para o outro. Um instante se passou.

Tom suspirou.

— Mas foi uma boa motivação, não foi? Talvez tenha me adiantado um pouco.

Zoe o encarou. Estava pronta para cuspir.

Sobre eles a multidão não parava de bater os pés. A poeira começou a cair sem parar.

Ela fixou os olhos na porta.

— Por que eles não vêm? Estamos esperando aqui há *anos*.

— Talvez este seja nosso inferno particular. Talvez eles nunca venham, e a multidão só fique cada vez mais barulhenta, e a gente esteja condenado a passar toda a eternidade com nossos pensamentos.

— Nem brinque, ok? Já me sinto culpada o suficiente.

Tom a encarou com atenção.

— Por causa de Kate?

Zoe ficou surpresa com o alívio que sentiu quando Tom disse o nome de Kate. Sob a pressão de todos os detalhes de última hora da preparação — apertar os sapatos, polir o visor —, ela não tinha se dado conta do quanto isso a estava consumindo.

— Ela deveria estar aqui — disse. — Deveríamos ser eu e ela nessa final.

O treinador apertou seu joelho.

— Boa garota. Mas você não forçou Kate a ficar em casa. Ela fez as próprias escolhas.

— Ainda assim...

— Quero que repita isso, Zoe. Quero escutar você dizendo: *Kate fez as próprias escolhas*.

Zoe encarou o chão por um bom tempo. O rugido da multidão acelerava cada molécula de ar na pequena sala sem móveis. A vibração dos pés batendo no chão se erguia pela armação de aço do banco, fazendo o plástico no assento balançar.

Lentamente, ela ergueu os olhos para encarar o treinador.

— Kate fez as próprias escolhas — afirmou, com a voz suave. — Assim como eu.

Tom sustentou seu olhar.

— Ótimo — respondeu, finalmente. — Agora tire isso da cabeça, ok? Aquilo lá é vida, e isso aqui é esporte. Você só precisa pensar nos próximos dez minutos.

Ela engoliu.

— Tudo bem.

Tom riu.

— Então pare de parecer tão apavorada.

— Escute todo esse barulho. Eu *estou* apavorada.

— Escute, Zoe, você trabalhou duro. Você chegou na final. Portanto, na pior das hipóteses, você será a segunda ciclista mais rápida de todo o planeta. A pior coisa que pode lhe acontecer nos próximos dez minutos é ganhar uma medalha olímpica de prata.

— Exatamente.

— Você está com medo de ganhar a prata?

Ela pensou a respeito, então assentiu.

— Porra, eu preferiria morrer.

— Mesmo?

— Mesmo.

Zoe respirou fundo, e a tremedeira diminuiu.

Quando voltou a olhar para Tom, viu que ele estava sorrindo.

— O que foi?

— Minha jovem, acredito que finalmente você esteja pronta para a sua primeira final olímpica. Agora faça um favor para nós dois: vá lá e vença.

— Mas a porta...

Tom sorriu.

— Ela só estava na sua cabeça.

Zoe se levantou e empurrou a porta de metal com dois dedos, hesitante. Ela se abriu com facilidade, as dobradiças lubrificadas, e o rugido da multidão aumentou. A porta se abriu até o fim, com uma batida que lembrava o som de um sino.

Ela olhou para Tom, com os olhos arregalados.

— O quê? — perguntou Tom, enxotando ela para fora. — Vá logo. Você está atrasada para caralho, como sempre.

Zoe olhou para a porta aberta, e depois para ele.

— Você é bom mesmo nisso.

— Na minha idade é preciso ser.

A escadaria alta e branca que conduzia até a pista estava reluzindo com a luz do sol que batia no telhado do velódromo. No último degrau, estampado em letras azuis quase retas, constava o lema olímpico: *Citius, Altius, Fortius*.

Zoe respirou fundo bem devagar, inalando o ar quente e vibrante. Os pelos na sua nuca se eriçaram. Tudo o que se passara parecia perdoa-

do, desaparecido e esquecido. A multidão gritava seu nome. Ela sorriu, respirou e deu o primeiro passo na direção da luz.

Barrington Street, 203, Clayton, Região Leste de Manchester

Numa TV minúscula na sala de estar bagunçada de uma casa geminada com dois quartos, Kate Meadows viu a melhor amiga sair do túnel e entrar na arena central do velódromo. O barulho da multidão redobrou, forçando os alto-falantes da TV. Seu coração disparou. A mamadeira estava equilibrada em cima da televisão, e o som da torcida fez o leite balançar. Quando Zoe ergueu os braços em reconhecimento ao apoio da torcida, o bramido dos aplausos e gritos fez a mamadeira escorregar. Ela oscilou na borda do aparelho e caiu de lado no chão, derramando o conteúdo branco pelo bico translúcido no tecido sedento do carpete. Kate ignorou a mamadeira. Estava fascinada pela imagem de Zoe.

Kate tinha vinte e quatro anos, e desde os seis seu sonho era ganhar o ouro nas Olimpíadas. Os dezoito anos de preparação foram impecáveis. Alcançou o nível mais alto no esporte. Compartilhou o treinador com Zoe, treinou com ela e a venceu nos Campeonatos Nacionais e nos Mundiais. Então, no último ano de preparação para Atenas, a pequena Sophie chegou.

Aquela era uma TV velha, e a qualidade da imagem era terrível, mas ficou bem claro para Kate que Zoe estava sentada num protótipo americano de bicicleta de corrida que valia doze mil dólares, com a estrutura preta fosca de uma peça só feita em fibra de carbono unidirecional de alto módulo, enquanto ela própria estava sentada em um sofá Klippan da Ikea, com pés de aço revestido e uma capa vermelha removível e lavável. Kate estava ciente de que havia vitórias às quais um assento desses poderia conduzir, mas eram triunfos pequenos e domésticos, medidos em campanhas de desmame e tentativas de passar das fraldas para o vaso. Afundou os nós dos dedos nas têmporas, forçando-se a se lembrar de quanto amava Sophie e Jack, que estava em Atenas se preparando para sua própria corrida, no dia seguinte. Tentou exorcizar todos os pensamentos invejosos da mente, pressionando as têmporas até doer, mas, Deus a perdoe, seu coração ainda cobiçava o ouro.

Embaixo da mesa de centro, Sophie brincava com a bagunça do café da manhã que caíra no chão, fazendo sons alegres e colocando cereais e alguma coisa amassada na boca. O médico disse que ela estava muito mal para viajar até Atenas, mas agora a criança parecia esbanjar saúde. Era importante lembrar que bebês não fazem essas coisas de propósito. Eles não usam o calendário da cozinha para delinear, com aqueles dedos gordinhos, o roteiro preciso dos seus sonhos, e então planejar o ataque de asma e as alergias de forma a coincidirem com a data.

A sala de estar estava sufocante. A janela aberta não deixava qualquer brisa refrescante entrar, só o calor opressivo de agosto vinha do concreto aquecido do quintal. Kate sentiu o suor escorrendo pelas costas. Da casa ao lado, através da parede compartilhada, escutou o som do vizinho passando o aspirador de pó. A máquina resmungava e batia a cabeça careca de plástico nos rodapés repetidamente, uma prisioneira perpétua sem chance de condicional. Ondas de interferência elétrica passaram pela TV, ocultando o rosto de Zoe enquanto ela se alinhava para o início da corrida.

Os dois ciclistas estavam esperando a contagem regressiva, emitida por uma voz neutra. Na linha de partida atrás da barreira, Kate viu Tom Voss em meio ao grupo de representantes do Comitê Olímpico Internacional e aos VIPs. Ao ver o treinador, sua pulsação acelerou, preparando o corpo para a atividade intensa que sua chegada sempre anunciava. Estava transbordando adrenalina. Quando a contagem chegou na metade, viu as mãos de Zoe apertarem o guidão com força. Involuntariamente, suas mãos também ficaram tensas, agarrando barras inexistentes no ar abafado da sala. Os músculos da perna estremeceram e sua mente ficou mais focada, tornando cada segundo mais longo. Kate detestava o jeito como seu corpo ainda se preparava para uma corrida impossível, da mesma forma que o coração exausto de uma viúva deve saltar ao ver uma foto do amado marido morto.

Sentiu um movimento nos pés e um grito animado sair. Alcançou o pequeno ventilador no chão e o ergueu até a mesa de centro, fora do alcance dos dedos exploradores de Sophie. O vento foi um alívio. Na TV, a contagem regressiva chegou ao três. Kate viu Zoe passar a língua pelos

lábios, nervosa. *Dois*, disse o locutor. *Um*. A testa de Kate pingava suor. Estendeu o braço e aumentou a velocidade do ventilador.

A imagem se contraiu até formar um ponto branco no meio da TV, e em seguida desapareceu completamente. Da casa ao lado, o barulho do aspirador diminuiu lentamente, até sumir. Pelo outro lado da parede ela ouviu o vizinho dizer *merda*. Kate viu as hélices do ventilador abandonarem a invisibilidade, diminuindo de velocidade até parar. Ficou olhando para as hélices, estupidamente, sentindo o vento no rosto se esvaír e se perguntando por que uma brisa faria isso exatamente ao mesmo tempo em que a TV apagou. Depois de um instante entendeu que algum fusível devia ter queimado. Como sempre, levava metade da eletricidade da rua junto.

Sentiu uma rara pontada de autopiedade. Só essas pequenas coisas a perturbavam. Perder as Olimpíadas era algo muito grande e muito brusco para gerar qualquer coisa além de uma sensação entorpecida e pesada. Era como inalar uma dose de éter e apagar. Mas quando as passagens de avião de Jack chegaram, a sensação estava afiada o suficiente para machucá-la. Vê-lo fazer a mala tinha doído, e deixado um vazio no guarda-roupa que compartilhavam. E agora a queda da eletricidade fizera com que ela também apagasse.

Um segundo depois, riu de si mesma. Afinal, tudo podia ser consertado. Vasculhou a gaveta da cozinha até encontrar um fusível e levou uma lanterna até o banheiro embaixo da escada, onde ficava o quadro de força. Sophie gritou quando ela deixou o cômodo. Por isso, voltou e a pegou no colo, segurando-a sob um braço enquanto dava um jeito de equilibrar a lanterna e o fusível na outra mão. Subiu em cima do vaso sanitário para alcançar o quadro. Sophie se mexeu e se contorceu, tentando agarrar os fios. Depois de passar um minuto tentando, Kate decidiu que não eletrocutar a filha era mais importante do que ver a corrida de Zoe.

Colocou Sophie de volta no chão da sala de estar. O bebê se alegrou imediatamente e retomou a interminável busca por objetos perigosos para colocar na boca. A pouco mais de dois mil quilômetros de distância, a primeira volta da melhor de três tinha terminado, e Zoe podia ter ganhado ou perdido. Era estranho não saber. Kate ficou clicando no botão

para ligar e desligar a TV, como se algum elemento restaurador na fiação da casa — alguma espécie de glóbulo branco eletrônico — pudesse reparar o dano. A imagem não voltou. Em vez disso, viu o próprio reflexo, dez quilos mais gorda do que seu peso de atleta, ainda vestindo camisola às três da tarde.

Suspirou. Era possível consertar os problemas que via no próprio reflexo. Uns quilômetros de treino forte deixariam seu rosto mais delineado, e o cabelo loiro não precisaria ficar o tempo todo preso num coque apertado para se manter fora do alcance das mãos curiosas de Sophie. Seus olhos azuis só estavam escondidos por trás dos óculos feios porque ela não ainda não tinha encontrado forças para se vestir e sair para comprar o produto que limpava as lentes de contato. Tudo isso podia ser resolvido.

Mesmo assim, ver a própria imagem na TV fez com que Kate entrasse em pânico, pensando que não era possível Jack ainda achá-la atraente. Mas, já que não convém se demorar em pensamentos desse tipo, recostou-se de volta no sofá e ligou para ele. Quando Jack atendeu, cinco mil pessoas faziam barulho atrás da sua voz.

— Você viu isso? — gritou. — Ela arrasou! Ganhou como se não tivesse nem se esforçado!

— Zoe ganhou?

— Sim! Esse lugar é inacreditável! Não me diga que você não estava assistindo!

— Não consegui.

Ela o ouviu hesitar.

— Vamos, Kate, não seja amarga. Será você quem vai correr da próxima vez, em Pequim.

— Não, quero dizer que eu realmente não consegui assistir. Fiquei sem luz.

— Você checkou os fusíveis?

— Nossa, Ken, meu cérebro de Barbie não considerou essa opção.

— Desculpe.

Kate suspirou.

— Não, tudo bem. Eu tentei consertar o fusível, mas Sophie não me deixa... — Ela percebeu logo de cara como estava sendo mal-humorada.

— Nossa filha é bem forte para a idade que tem — disse Jack —, mas acho que você ainda consegue derrotá-la em uma briga justa.

Ela riu.

— Olhe, me desculpe. É que está sendo difícil aqui.

— Eu sei. Obrigado por ficar cuidando dela. Eu estou com saudades. Os olhos de Kate se encheram de lágrimas.

— Mesmo?

— Meu Deus — disse ele —, você está brincando? Se eu tivesse que escolher entre pegar um voo para casa agora e disputar o ouro aqui amanhã, você sabe que iria direto para o avião, não sabe?

Kate fungou, e esfregou os olhos.

— Não estou pedindo para você escolher, seu idiota. Estou pedindo para você ganhar.

Ela percebeu o sorriso dele pelo telefone.

— Se eu ganhar é só porque estou com medo do que você vai fazer comigo caso eu perca.

— Volte para casa quando você ganhar o ouro, ok? Prometa que não vai ficar aí com ela.

— Ah, Cristo, você sabe que não precisa nem me pedir isso.

— Eu sei — respondeu baixinho. — Desculpe.

O barulho da multidão aumentou de novo.

— A segunda corrida vai começar — gritou Jack. — Ligo de volta depois, tudo bem?

— Você acha que ela ganha?

— Sim, com certeza. Ela fez a primeira volta parecer um passeio.

— Jack?

— Sim?

— Eu amo você — disse ela. — Mais do que sorvete depois do treino.

— Eu também amo você. Mais do que ganhar.

Ela sorriu. Era um momento perfeito, que Kate se viu estragando ao dizer:

— Ligue quando a corrida terminar, ok?

Estremeceu de desgosto por ser tão carente, por colocar mais esse peso nos ombros dele. O amor não devia exigir reafirmações constantes.

Mas, por outro lado, o amor também não devia ficar sentado vendo o próprio reflexo na TV, enquanto a tentação embarcava numa jornada resplandecente em direção à glória.

O que quer que Jack tenha respondido foi abafado pela multidão que gritava o nome de Zoe.

Ela desligou e deixou o telefone cair suavemente na capa lavável das almofadas. Não só tinha deixado de acreditar que um dia chegaria às Olimpíadas. Agora, se fosse realmente honesta consigo mesma, nem tinha mais certeza de que podia vencer o tipo de corrida feita nos sofás e cadeiras de cozinha.

Olhou pela janela, com os olhos vidrados. No calor cintilante do pequeno jardim, um esquilo encontrou alguma coisa no fundo de um pacote de batatas fritas.

Essa é minha vida agora?, pensou.

Colocou as mãos nas têmporas, agora com mais gentileza, e mediu os batimentos usando o relógio da sala. Fazia meses desde a última vez que tinha treinado, mas mesmo agora — e mesmo com todo o estresse — seus batimentos estavam abaixo dos sessenta por minuto. O ponteiro dos segundos voltou para a posição inicial, e ela só tinha contado até cinquenta e dois. Às vezes essa era a única vitória do seu dia: saber que estava mais em forma que o tempo.

Ergueu os olhos e viu que Sophie a estava imitando, tentando apertar as mãozinhas nos dois lados da cabeça. Kate riu, e, pela primeira vez, Sophie riu de volta.

Kate vibrou, eufórica.

— Meu Deus, querida, você *riu!*

Ficou de joelhos, pegou Sophie no colo e a abraçou. Sophie sorriu — um protótipo de sorriso, cheio de gengiva, que vacilou e estremeceu, desequilibrado, e então se firmou de novo. Em seguida balbuciou algo, toda feliz.

— Ah, sua coisinha esperta!

Espera até eu contar ao Jack, pensou, e o pensamento foi tão leve e simples que de repente soube que tudo ficaria bem. Que diferença faria se Zoe ganhasse o ouro hoje, ou se Jack ganhasse o ouro amanhã? Ajoelhada na bagunça da sala de estar, segurando sua filha e inalando

seu cheiro quentinho, era impossível pensar que havia qualquer coisa mais importante do que aquilo. Quem se importava que, até pouco tempo atrás, ela tinha sido capaz de atingir sessenta quilômetros por hora com uma bicicleta no velódromo? Parecia absurdo, agora que a vida real tinha começado — com o avanço desses marcos encantadores da maternidade —, que alguém se desse o trabalho de andar de bicicletas por pistas ovais intermináveis, ou que uma pessoa tivesse tido a estranha ideia de dar ouro para quem fizesse isso mais rápido. Que sentido havia em pedalar até voltar ao ponto de partida?

Deus, pensou, aonde é que isso leva uma pessoa?

Após um minuto, durante o qual seu coração bateu quarenta e nove vezes, ela sorriu, cansada.

— Ah, a quem estou tentando enganar? — disse em voz alta, e Sophie ergueu os olhos ao escutar sua voz, emitindo um som que só ela conseguia fazer, perfeitamente a meio caminho entre uma risada e um lamento.